

Estratégia de Implementação

Sérgio Diogo Caetano, Eva Almeida Lima & Teófilo Soares Braga

Amigos dos Açores – Associação Ecológica, Avenida da Paz nº14 Pico da Pedra, 9600 – 058 Pico da Pedra, Açores | amigosdosacores@gmail.com | www.amigosdosacores.pt/vu

PEDESTRIANISMO NAS VEREDAS DA ILHA DO PORTO SANTO

Hoje, o turismo é uma importante fonte de receitas e os percursos pedestres são um dos melhores recursos existentes nas zonas ambientais e rurais, uma vez que realçam o que estas têm de melhor (património natural e cultural). Desde que não seja realizado de forma massificada, o pedestrianismo não exerce uma significativa pressão sobre a natureza. Consiste numa ótima alternativa às actividades sedentárias, pois o pedestrianista goza do prazer das paisagens, da natureza, da cultura, da história e do contacto com as pessoas e costumes. Sempre de uma forma activa e saudável!

Sabendo-se que é cada vez maior o número de turistas que visitam a Madeira para a prática do pedestrianismo e que na ilha do Porto Santo, apenas existe um número restrito de trilhos qualificados para esta prática, considera-se de todo o interesse a realização de uma campanha com vista ao levantamento do maior número possível de veredas que apresentem potencialidades para a prática do pedestrianismo, quer para fins de recreio da população local, quer para fins turísticos.

Trilhos pedestres pelas veredas da ilha do Porto Santo são um excelente complemento à sua natural aptidão balnear. Para tal é fundamental definir uma estratégia que vise a avaliação de potencialidades, a programação da intervenção a realizar, bem como a divulgação dos atractivos de cada um dos percursos definidos. A manutenção e conservação das veredas será também fundamental para uma oferta de qualidade permanente e, de preferência, em constante progresso.

AVALIAÇÃO DE POTENCIALIDADES

Estudo do território

Relevo, rede de caminhos, distribuição dos núcleos urbanos ...

Identificação de locais de interesse

Interesse natural, paisagístico, cultural... Analisar distâncias e trajectos entre eles

Seleção de trajectos

Trilhos, se possível, devem ligar-se entre si – Rede de trilhos

Cartografia dos trajectos

Percurso, perfil altimétrico e desnível, duração, dificuldade e perigosidade

Inventário de elementos de interesse dos trajectos

Elementos naturais, paisagísticos, culturais ou turísticos de cada trilho

Descrição dos trajectos

Descrição simples, com definição de postos de paragem

Propostas de classificação/homologação

Elaborar propostas de classificação/homologação de acordo com a legislação em vigor

PLANO DE INTERVENÇÃO

Definição de entidade de gestão

Responsabilidade legal pelas acções de intervenção, gestão e manutenção a realizar

Plano de beneficiação de veredas

Reabilitação e construção de novos caminhos, estabilização de zonas instáveis

Instalação de sistema de sinalização

Colocação de sinalização, de acordo com a legislação vigente

Construção/melhoramento de infra-estruturas

Miradouros, parques de merendas, locais para observação

Instalação de sistema informativo

Concepção e colocação de painéis informativos

Plano de Gestão

Planeamento de emergência, controlo de acessos, código de conduta ...



FORMAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Determinação do público alvo

Definição e estudo dos principais destinatários

Formação de guias

Credenciação de guias (aspectos legais, socorrismo, orientação, património...)

Sensibilização da população local

Consciencialização para conservação das veredas e para a oportunidade económica

Edição de folhetos

Informações e cartografia essenciais, contactos de emergência, comércio...

Edição de roteiros

Informações detalhas do trajecto, do património, fotografias

Integração das veredas em pacotes turísticos

Definição de pacotes turísticos temáticos ligados aos elementos-chave de cada trilho

GESTÃO E MONITORIZAÇÃO

Plano de monitorização

Degradação dos trajectos, estabilidade, segurança, acumulação de resíduos ...

Plano de manutenção

Periodicidade e tipologia das intervenções

Plano de financiamento

Encargos anuais, fontes de financiamento ...

Introdução de melhorias

Procura de constantes melhorias funcionais no trajecto

Estatísticas de visitação

Determinação de médias de visitantes anuais por trajecto, avaliação da sazonalidade

Inquéritos aos participantes e população local

Avaliação de necessidades, pesquisa de novas valências e produtos

Bibliografia

- BRAGA, T., CAETANO, S., FURTADO, C. (2006), Floresta e Pedestrianismo - Floresta e Senderismo. III Jornadas Forestales de La Macaronésia. La Palma.
- BRAGA, T. (2007), Percursos Pedestres e Pedestrianismo. Ribeira Grande. Amigos dos Açores.
- CAETANO, S. (2007), Percursos Pedestres - Interpretação do Território e Orientação. Formação em Pedestrianismo – Noções Básicas para Guias da Natureza. Direcção Regional do Turismo – Açores.
- TOURMAC/INTERREGIIIIB. Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Horta.
- CAETANO, S., LIMA, E., MELO, R., BRAGA, T., BOTELHO, L. (2007), Os Percursos Pedestres nos Açores - Importância para a Monitorização e Valorização das Áreas Ambientais. III Congresso Internacional de Montanhismo. Estoril.
- CONSTÂNCIA, J., BRAGA, T., COSME, L., ANJOS, R., NUNES, J., (2004), Percursos Pedestres em S. Miguel - Açores, Ribeira Grande, Amigos dos Açores.
- FPC- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CAMPISMO, (2001), Percursos Pedestres - Normas para a Implantação e Marcação, Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.